



## O Espaço da Interface<sup>1</sup>

Carlos Pernisa Júnior

Professor Adjunto do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar o espaço da interface e verificar sua natureza ambígua e até mesmo paradoxal. Para isso, faz-se um levantamento de diversos autores que trabalham com o conceito para se pensar novas possibilidades de se lidar com ele. Chega-se à proposta de um pensamento que leve em consideração a velocidade e a aceleração no mundo contemporâneo e de um projeto de relativização desta aceleração em que vivemos, em função da própria existência deste espaço da interface.

### Palavras-chave

Comunicação; Tecnologia e cultura; Interface; Mídia digital; Projeto ético-estético-político.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pelo convênio ECO/UFRJ – Facom/UFJF; autor de “Interfaces: o espaço da sensibilidade no cinema”, publicado pela Cone Sul, São Paulo, 2001 e premiado no IV Festival Universitário de Literatura, promovido pela Xerox e pela revista Livro Aberto.

## 1. Introdução

O principal objetivo deste trabalho é questionar alguns pontos já levantados por pessoas ligadas a diferentes áreas do conhecimento, mas que, de um certo ponto de vista, parecem pertencer à discussão sobre a Atualidade e sobre as relações que o homem está tendo com o que é externo a ele e o que é propriamente seu. Neste sentido, a abordagem que se faz é a de buscar uma posição capaz de verificar o que se passa hoje no mundo, não para explicar tais pontos, mas para poder enxergá-los melhor.

Deste modo, o que se fez aqui foi tentar entender um espaço privilegiado para esse tipo de pensamento. Este local parece estar ligado à noção de *espaço potencial*, que o psicanalista D. W. Winnicott apresenta depois de fazer uma série de experiências com crianças sobre o brincar<sup>3</sup>. Porém, o *espaço potencial* não seria propriamente este lugar do qual se quer enxergar a realidade, já que está restrito a um modo de ver vinculado à clínica<sup>4</sup>, não podendo ser estendido a qualquer preço para o terreno externo a ela. Rogério Luz comenta que as considerações de Winnicott só podem ser transpostas para a vida psíquica de um indivíduo - no caso dele, de um espectador somente -, não podendo ter um sentido estatístico ou sociológico. Isso coloca em questão o *espaço potencial* como local privilegiado para analisar a Atualidade.

Contudo, não seria necessário descartar o trabalho de Winnicott e de outros autores que tratam do jogo e da brincadeira - penso aqui especialmente em Johan Huizinga<sup>5</sup> - e buscar um outro ponto de vista para se falar. O que se pretende, então, é pensar que o *espaço potencial* é um local ambíguo e paradoxal - por sua própria natureza constitutiva, segundo Winnicott<sup>6</sup> - e que pode, por isso mesmo, ter mais de um aspecto. Daí, a criação de um outro lugar, a interface, que tem muito a ver com este *espaço potencial* - e em certos casos até confunde-se com ele -, mas que é diferenciada por autores como Pierre Lévy e Paul Virilio.

Existe aí também um outro problema a ser encarado logo de início. A interface não é somente aquela ligada à informática, que Lévy assim descreve:

Enquanto vocábulo especializado, a palavra “interface” designa um dispositivo que garante a comunicação entre dois sistemas informáticos distintos ou um

---

<sup>3</sup> WINNICOTT, 1975.

<sup>4</sup> LUZ, 1998a.

<sup>5</sup> HUIZINGA, 1980.

<sup>6</sup> LUZ, *op. cit.*

sistema informático e uma rede de comunicação. Nesta acepção do termo, a interface efetua essencialmente operações de transcodificação e de administração dos fluxos de informação. O modem (modulador - demodulador) é um exemplo de interface simples. Ele transforma os sinais binários dos computadores em sinais analógicos aptos a viajar através da linha telefônica clássica, realizando também a transformação inversa. É graças a estas interfaces digitais/analógicas - os modems - que computadores podem comunicar-se através da rede telefônica.<sup>7</sup>

A noção de interface tem que ser mais abrangente para que se possa pensar em sua ligação com a idéia de espaço potencial em Winnicott. Deste modo, o mesmo Lévy pode ser útil, já que apresenta uma outra acepção para o termo.

Para além de seu significado especializado em informática ou química, a noção de interface remete a operações de tradução, de estabelecimento de contato entre meios heterogêneos. Lembra ao mesmo tempo a comunicação (ou o transporte) e os processos transformadores necessários ao sucesso da transmissão. A interface mantém juntas as duas dimensões do devir: o movimento e a metamorfose. É a operadora da passagem.

A análise “em redes de interfaces” de um dispositivo sociotécnico impede a fascinação paralisante, o deslumbramento do pensamento e da ação pelas essências. Cada nova interface transforma a eficácia e a significação das interfaces precedentes. É sempre questão de conexões, de reinterpretações, de traduções em um mundo coagulado, misturado, cosmopolita, opaco, onde nenhum efeito, nenhuma mensagem pode propagar-se magicamente nas trajetórias lisas da inércia, mas deve, pelo contrário, passar pelas torções, transmutações e reescritas das interfaces.<sup>8</sup>

Pode-se acrescentar aqui uma idéia que Paul Virilio tem do termo, mostrando mais uma possibilidade de analisar a questão deste espaço privilegiado.

Para mim, a região costeira é uma coisa surpreendente, uma interrupção maravilhosa, uma interface, como se diz. Sempre pensei o espaço em termos de ruptura, em termos de ‘ou/ou’, em termos de divisor de águas - esses lugares onde as coisas são trocadas, transformadas. [...] A extensão é menos importante do que o ponto em que as coisas mudam, em que há um fragmento. [...] O continente e o mar existem graças à área costeira. E isso é uma ambivalência muito interessante.<sup>9</sup>

Seja como região costeira, seja como comunicação ou transporte, a interface parece ser um local capaz de dar conta dos fenômenos de troca, sem deixar de ser, ela mesma,

---

<sup>7</sup> LÉVY, 1993. p. 176.

<sup>8</sup> *Idem.*

<sup>9</sup> VIRILIO & LOTRINGER, 1984. p. 110-111.



ambígua, já que, como Lévy mesmo coloca, ela “mantém juntas as duas dimensões do devir: o movimento e a metamorfose. É a operadora da passagem.”

## 2. Um espaço privilegiado

É preciso entender, então, que espaço é este da interface. A idéia de local privilegiado vem menos das certezas que podem estar contidas nele do que em sua precariedade fundamental. Segundo Paulo Vaz, a Atualidade coloca o homem frente a um futuro que sempre pode ser, no mínimo, duplo. Ou seja, já não há uma ligação com o passado, como na Modernidade, e a idéia de futuro foi alterada em função do que se é e do que se pode ser e não mais em função do que não se é e do que é possível ser, caso haja um movimento de libertação de si mesmo<sup>10</sup>. A tecnologia impôs aí uma variável antes desconsiderada. O homem passa a ter uma velocidade, como Virilio propôs. As coisas acontecem num movimento em que o homem não pode estabelecer quais os caminhos a seguir, ele está numa corredeira, rio abaixo, na velocidade<sup>11</sup>. Por isso, tem que seguir sempre em frente, mas há como pensar que, mesmo nesta corredeira, existem locais de onde se pode olhar. A interface surge aí como este tipo de lugar. Por sua própria instabilidade, ela produz momentos interessantes e enriquecedores - é preciso atentar sempre para o seu caráter de local de troca -, que fazem com que o homem não precise parar para olhar, mas que ele possa ver no movimento. Uma idéia que vem quando é pensado o termo interface é a da caixa de marchas de um carro. A velocidade de um carro existe quando ele se põe em movimento. A partir de então, é necessária a troca das marchas para haver uma outra coisa, diferente, que é a aceleração. No movimento, há a idéia da corredeira, mas, na interface, na caixa de marchas, há também a possibilidade de aceleração. Aí reside um ponto importante. Velocidade e aceleração são coisas distintas e tem valores diferenciados. A aceleração é tida como um fator que determina o quanto podemos enxergar, segundo Virilio. Velocidade demais cega – é o que ele diz<sup>12</sup>.

De fato, isso pode ser verdadeiro, mas ele também diz que a interface, para ele é sinônimo de interrupção. Há, nesta idéia, toda uma discussão que Virilio faz acerca do político, da volta do espaço de discussão público, onde haja possibilidade de se parar

---

<sup>10</sup> VAZ, 1997. p 105-106.

<sup>11</sup> LÉVY *apud* VAZ, *ibidem*, p. 108.



para pensar antes de apertar o botão da bomba que pode destruir o planeta - importante lembrar que ele escreve estas palavras ainda na época da Guerra Fria.

Talvez hoje esta idéia não tenha mais o peso que tinha anos atrás, mas ainda é uma posição a ser considerada. Assim sendo, pode-se pensar que a solução para encarar a Atualidade esteja no projeto político, como quer Virilio. Não há, contudo, uma certeza de que este projeto ainda funcione.

Por outro lado, a idéia de aceleração mostra claramente que não há só velocidade em questão. A interface como espaço de troca é também interrupção. Estaria aí contida uma possibilidade de paralisação? É possível que Virilio queira uma parada, mas não há como deter alguns movimentos. Como Paulo Vaz analisa, uma das possibilidades de ver a Atualidade é encontrar em sua gênese o desencadear de uma força, que indica no sentido da mudança. Assim, o movimento já aconteceu, e pará-lo parece ser impossível. No entanto, esse movimento é sempre o mesmo, não sofre alterações? Aí é que se abre espaço para a reflexão. Uma caixa de marchas não pode, além de acelerar, também diminuir o movimento? Será que é possível pensar em uma maneira de fazer com que a política e a ética - colocadas por pensadores como Virilio e Guattari como importantes para uma nova maneira de haver contato entre os homens e manter algo da estrutura atual para que simplesmente não haja a queda no abismo - possam ser consideradas novamente como projetos de consolidação de presente e futuro? Será que elas podem ser encaradas, dentro da própria idéia de interface, como elementos de desaceleração, sem que com isso, no entanto, apareçam como “freios” da sociedade? É possível, além disso, considerar que o próprio espaço da interface é desacelerador?

### **3. Interface e velocidade**

Quando a idéia de interface foi pensada neste trabalho, sua ligação com a velocidade e a aceleração deveu-se mais às idéias de Paul Virilio e, por isso, tornou-se mais um elemento paralisante do que propriamente um modificador de movimento. É preciso ver, contudo, que a interface, mesmo em Virilio, pode ser aceleradora. A troca não supõe o repouso. A visão de interrupção pode ser encarada somente como a de modificação de um determinado movimento. Esta variação pode ser de aceleração ou de desaceleração, não há como determinar isso claramente até que haja a troca. Isso lembra

---

<sup>12</sup> VIRILIO, *op. cit.* p. 83-84.



os fenômenos químicos em que determinadas substâncias, quando misturadas - postas em contato -, podem simplesmente se isolar - óleo e água - ou até explodir. Deste modo, não há como dizer que uma interrupção - no caso da química, uma tentativa de mudança da composição dos elementos - seja somente de um jeito.

A idéia de interface, então, segue a direção, mais uma vez, das posições de Paulo Vaz, quando este diz que o futuro é, no mínimo, duplo. Há a possibilidade já dada pelo desencadear de uma força no sentido da mudança, mas há também a indeterminação quanto ao que esta mudança pode produzir. O homem deixa de ser o que é e se abre a possibilidades de futuro<sup>13</sup>. Isso pode levar à ameaça do desastre ou à crença do sonho realizado. No entanto, há sempre que se ver neste novo futuro o movimento. A única certeza é que o movimento continuará e que o futuro é e sempre será. Este sentimento deve ser encarado como um desafio. Não mais esperar as coisas acontecerem, mas também não poder prever tudo o que vai vir. A velocidade, e só ela - pelo movimento -, é certa e isso é também a maior incerteza.

Há que se pensar, então, na interface como ligada ao *espaço potencial*. Este é determinado na relação do sujeito com o mundo e, por isso, individual, nunca coletivo. Porém, há como pensar na interface como sendo coletiva? E, se for assim, estaria ela vinculada ao projeto de pensamento ético e político proposto por alguns pensadores contemporâneos?

Duas perguntas que, este trabalho, parece não dar conta de responder com abrangência suficiente. Pode-se pensar na interface como coletiva, mas isso não pode advir da idéia de que ela está vinculada ao *espaço potencial*, que é prioritariamente individual. Se for colocada a questão da interface como região de troca, é possível estender sua amplitude, sem perder de vista o *espaço potencial*, mas não há como determinar, ainda, se isso é o suficiente para dar a ela um caráter coletivo.

O que é proposto, então, depois de uma posição colocada por Muniz Sodré<sup>14</sup>, é repensar a própria interface em sua multiplicidade. Se ela pode ser a região costeira, a zona de troca da comunicação e dos transportes, a operadora de transcodificação e de administração dos fluxos de informação da informática e uma extensão do espaço potencial, poderia ela ser algo mais?

Muniz Sodré propôs uma idéia de interface como “linguagem, ideologia, prática e retórica da era ciberespacial”. Esta visão parece ser bastante interessante no sentido de

---

<sup>13</sup> VAZ, *op. cit.* p. 107-108.

<sup>14</sup> Em entrevista com o autor sobre o tema.



complementar o que era antes separado, em Lévy, entre uma definição restrita - a da informática - e uma mais ampla. A idéia de interface como linguagem, principalmente, faz pensar na possibilidade de enxergar aí algo que vai além do *espaço potencial* e que permite, sem abandonar o conceito de Winnicott, estender o caráter individual para o coletivo e, com isso, começar a poder entender a questão política e ética que são desenhadas aí.

Há que se frisar, porém, que, diferente de Virilio, principalmente, esta política e esta ética não estão mais centradas na visão que se tinha na Modernidade dos mesmos conceitos. O que se pretende, então, é poder encará-las como algo novo em sua própria concepção, desligadas de questões particularmente vinculadas ao homem moderno e sua maneira de agir e pensar. Na Atualidade, agir e pensar vão ter outra significação, já que a velocidade vai ser a mediadora destas ações e que a noção de aceleração também vai estar presente.

#### **4. Conclusão**

Não é pretensão deste trabalho resolver o problema da interface como linguagem, já que isso não poderia ser feito neste momento atual de um estudo, do qual este texto é apenas uma parte da análise. Assim, a questão da linguagem volta a ser posta, nestes termos, num futuro trabalho, com uma atenção totalmente dedicada a ela.

Por enquanto, pode-se dizer que a interface é um local que pode ser encarado como propício a um estudo da Atualidade no que se pode ver sobre trocas, comunicação e também sobre a própria noção de espaço neste tempo contemporâneo. Não há, contudo, a imposição de que ela seja o lugar ideal do qual se olha. A idéia de privilégio, aqui, não se iguala à de ideal. Falar, então, da interface é pensar sobre contatos e misturas, sobre enriquecimento, onde há que se dar alguma coisa para se ter outra em troca, sem necessariamente sentir isso como uma perda. Como Winnicott ressalta, no *espaço potencial* a experiência é criativa, criadora, construtora e não tem qualquer relação com a falta e com desejos insatisfeitos.

Assim, este estudo pretende dar conta de uma possibilidade de encarar a comunicação hoje como um espaço deste tipo, onde trocas são feitas, onde há a interface, ou várias interfaces, e que deve ser sempre enriquecedora, fonte de conhecimentos, espaço aberto para a diversidade. Neste sentido, interface liga-se também à noção de hipertexto, onde os caminhos não são mais determinados por um



emissor único - caso bem específico de meios de comunicação de massa como a televisão - e que é o receptor quem escolhe quais os percursos quer fazer, ou quais as interfaces vai utilizar, já que a troca pode ser pensada como sendo feita a cada clique num mouse de computador.





## Referências bibliográficas

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

PARENTE, André (org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Tradução de Rogério Luz et alli. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

VIRILIO, Paul. *A inércia polar*. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

VIRILIO, Paul & LOTRINGER, Sylvere. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. Tradução de Elza Mine e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

### Artigos de livros:

LUZ, Rogerio. Cinema e psicanálise: a experiência ilusória. In: LINS, Maria Ivone Accioly e LUZ, Rogério. *D.W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Revinter, 1998. p. 228-243.

LUZ, Rogerio. O espaço potencial. In: LINS, Maria Ivone Accioly e LUZ, Rogério. *D.W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Revinter, 1998. p. 157-169.

VAZ, Paulo. Globalização e experiência de tempo. In: Menezes, Philadelpho. *Signos plurais: mídia, arte cotidiano na globalização*. São Paulo: Experimento, 1997. p. 99-115.